

EDITORIAL

“No estado feudal de Chu, um velho sobrevivia mantendo macacos ao seu serviço. O povo de Chu o chamava de “ju gong” (mestre dos macacos).

Todas as manhãs, o velho reunia os macacos em seu pátio, e dava ordem ao mais velho de liderar os outros até as montanhas para colher frutos de arbustos e árvores. A regra era que cada macaco tinha que dar um décimo de sua colheita ao velho. Aqueles que não conseguissem fazê-lo seriam chicoteados impiedosamente. Todos os macacos sofriam amargamente, mas não se atreviam a reclamar.

Um dia, um pequeno macaco perguntou aos outros macacos: “Foi o velho quem plantou todas as árvores de fruto e arbustos?” Os outros disseram: “Não, eles cresceram naturalmente”. O pequeno macaco ainda perguntou: “Não podemos colher os frutos sem a permissão do velho?” Os outros responderam: “Sim, todos nós podemos”. O pequeno macaco continuou: “Então, por que devemos depender do velho; por que todos nós devemos servi-lo?”

Antes que o pequeno macaco pudesse terminar sua declaração, todos os macacos de repente se tornaram iluminados e despertos. Naquela mesma noite, vendo que o velho tinha adormecido, os macacos derrubaram todas as barricadas da paliçada em que estavam confinados e destruíram totalmente a paliçada. Eles também levaram os frutos que o velho tinha em estoque, trouxeram todos eles consigo para a floresta, e nunca mais retornaram. O velho finalmente morreu de inanição.

Yu-li-zi diz: “Alguns homens no mundo governam seus povos por meio de truques e não através de princípios justos. Eles não são exatamente como o mestre dos macacos? Eles não estão conscientes das suas confusões mentais. Assim que seus povos se tornam iluminados, seus truques não funcionam mais”¹.

Este texto chinês do século XIV reflete bem aquilo que queremos apresentar neste número da Revista Estudos Bíblicos: Resistência, Esperança e Justiça. Três pilares sobre os quais procurou equilibrar-se não só a realidade vivida pelo povo de Deus, mas a realidade histórica de inúmeras culturas e experiências políticas, que ainda hoje buscam, por diversos meios, equilibrar-se ora permanecendo firme, ora sendo derrubados de seus sonhos e ideais.

Por meio da profecia, iniciamos o nosso caminhar em direção à “iluminação”, conforme Yu-li-zi, no texto acima. *Lilia Dias Marianno* nos traz uma refle-

1. Este texto foi extraído do livro: *Da Ditadura à Democracia – Uma Estrutura Conceitual para a Libertação*. Gene Sharp – Tradução José A.S. Filardo The Albert Einstein Institution, disponível para download em: <https://bibliot3ca.files.wordpress.com/2011/03/da-ditadura-a-democracia-gene-sharp2.pdf>

xão sobre o conflito entre governantes e governados, profetas e profecia a partir do estudo das relações entre filisteus e israelitas no Antigo Testamento: “*Governo, nação e profecia: Atormentadores ou promotores “do beijo”?*” Célia M. Patriarca Lisbôa busca em Amós a construção de uma sociedade justa e igualitária concretizada diante da promoção da justiça e do direito: “*Procurai o bem e não o mal para que possais viver*”. *Resistência e esperança em Amós*”. “*A justiça e a esperança em Jeremias*” é o título do artigo de Ludovico Garmus. Nele o autor mostra que a justiça se volta para a missão de anunciar o julgamento contra Judá e Jerusalém e ao mesmo tempo denunciar os reis e a classe dirigente do país. Já a esperança está relacionada com a missão de construir e plantar. Através do salmo 119, *Leonardo Agostini Fernandes* apresenta-nos a certeza da fé como caminho de esperança diante das estruturas promotoras de injustiças. O fiel, que acredita em Deus, espera que a sua justiça prevaleça, se comprometendo com a sua formação, procurando trilhar o caminho do bem, da justiça e da verdade: “*Expressar a fé, manifestar a esperança e sonhar com a justiça: Uma análise do Salmo 119,1-8*”.

Percorrendo os caminhos do Novo Testamento, *Dionísio Oliveira Soares* nos apresenta “*A questão da justiça em Mateus: o caso dos santos ressuscitados em Mt 27,51b-53*”. O termo “santos” aparece na perícopé como sinônimo de “justos”, que, tendo como paradigma a Ressurreição de Jesus, recebem de Deus uma justa resposta diante das perseguições e mortes. *Marcelo da Silva Carneiro*, através de seu artigo: “*Jesus dominando o mar: esperança em meio à tragédia no Evangelho de Marcos*”, mostra a mensagem de esperança para as comunidades que sofriam debaixo da política de dominação e exploração do Império Romano. Penetrando o universo Paulino, *Isidoro Mazzarolo* reflete a Carta aos Romanos: “*Fortalecer a esperança e a justiça: um estudo de Rm 9,1-33*”. Neste capítulo, Paulo nos orienta a entender a dinâmica da salvação, por meio de Jesus Cristo, onde a herança e as promessas foram dadas a todos os povos, com um imperativo: crer e assumir a justiça do Reino de Deus. Por fim a literatura apocalíptica nos ajuda a dar um passo a mais em direção à iluminação referida pelo mestre Yu-li-zi. *Paulo Lockmann* em seu artigo “*Apocalipsismo: Esperança e Resistência*”, mostra o apocalipse como uma literatura que representa uma linguagem dos pobres e oprimidos em Israel e mais tarde da Igreja. Desta forma a imagem do Cordeiro nos capítulos 4 e 5 do Apocalipse de João mostram, que na exaltação do Cordeiro e sua vitória está a vitória e esperança do povo. Por fim, ainda dentro do Apocalipse de João, *Valtair Miranda* analisa o capítulo 12 onde a figura mitológica do dragão aparece com sua face destruidora e mortal. Porém, o tom de esperança fica por conta da notícia de que o texto nos traz e é reforçado no próprio título do artigo: “*Por pouco tempo*”: *Uma leitura político-religiosa de Apocalipse 12,1-18*.

Esperamos que este número da Revista de Estudos Bíblicos possa contribuir como uma luz na vida de cada leitor, a fim de que se torne verdade aquilo que diz o mestre Yu-li-zi: “Assim que seus povos se tornam iluminados, seus truques não funcionam mais...”

Carlos Frederico Schlaepfer